Notas

Uma carta de D. Maria de Portugal, Princesa de Parma e Piacenza

Assinado, em Madrid, o contrato de casamento em 25 de Março de 1565, em 13 de Maio fez-em Lisboa o recebimento da "Senhora D. Maria" com Alexandre Farnese (1545-1592), príncipe herdeiro do ducado de Parma, representado no acto pelo embaixador de Castela, não tivesse sido Filipe II a empenhar-se no casamento desse seu sobrinho educado na sua corte e então aí vivendo. Das festas – bem simples, aliás – do recebimento da filha de Duarte, infante de Portugal e irmão de D. João III, e de Isabel de Bragança, com esse bisneto do papa Paulo III, e da sua despedida (14 de Setembro) falam, brevemente, Pero de Alcâçova Carneiro e algumas memórias do tempo. António Ferreira e P. Andrade Caminha, entre outros, celebraram, em epitálamios e odes, esse enlace mal desejado pelo príncipe italiano com

---

1 L. van der ESSEN, Alexandre Farnèse, Prince de Parme, Gouvènor Général des Pays-Bas (1545-1592), Bruxelles, 1933, 1 (1545-1578), 98-102; Alexandre, em consequência do Tratado de Gand (1556), passou seis anos como "refém" em Madrid (102, 110) com importantes consequências de educação, uma "espanholização" ("arrogância") que chocou os habitantes dos Países Baixos aquando do seu casamento em Bruxelas (110-112)
2 Pero de Alcâçova CARNEIRO, Relações do Tempo em que ele e seu Pai, António Carneiro, serviram de Secretários (1515 a 1568), Revistas e anotadas por E. de Campos de Andrade, Lisboa, 1937, 355-356
3 Pero Roiz SOARES, Capítulo primeiro de como a nosrã dona Maria filha da Infante dona Isabel foi para Parma in Memorial, (Leitura e revisão de M. Lopes de Almeida), Coimbra, 1953, 11, fonte da notícia que, um pouco mais abreviadamente, se dá em Notas para servir à História de D. Sebastião de Portugal in J. Veríssimo SERRÃO, Documentos Inéditos para a História do Reinado de D. Sebastião, Coimbra, 1958, 125.
uma desconhecida que lhe levava sete anos mais, no que foram correspondidos quer em Bruxelas durante as festas do casamento (11.11.1565) quer, naturalmente, depois em Parma à hora da entrada na cidade (24 de Junho de 1566). Nascida, em Lisboa, em 8.12.1538, Maria de Portugal – ou de Avis, como também era conhecida – é uma discreta personagem portuguesa sempre nomeada, ainda que nem sempre bem apreciada, na história do ducado parmense de que terá mesmo chegado a ser governadora. E se este lado da sua biografia é, relativamente, bem conhecido, do ponto de vista da história da espiritualidade – que deveria ser a razão de dela nos ocuparmos aqui – ainda espera o estudo que situe essa leitora da Sagrada Escritura, da *Theologia Mystica (Vitae Sion Iugent...)* de Hugo de Balma, O. Carth., então atribuída a S. Boaventura, e de Fr. Luís de Granada e de confessa tradutora de S. Bernardo, dirigida, desde 1564 até

5 L. van der ESSEN, Alexandre Farnèse, ed. cit., 121 e A. del PRATO, *Il Testamento di Maria di Portogallo, Moglie di Alessandro Farnese in Archivio Storico per le Province Parmensi* (Nuova Serie), VII (1907), 146-199 citando as mesmas fontes, mas com ligeiro matiz de interpretação, recordam que, segundo uma confidência feita pelo príncipe parmense aquando da partida de Maria para Bruxelas e assim transmitida ao Cardeal Granvelle, Alexandre teria desejado "che tutto quello che andava e tornava cadesse al fondo del mare".

6 Achille PELLIZZARI, *Feste, Giote e Vesti Nazionali del Cinquecento in Portogallo e Italia nel secolo XVI. Studi e Ricerche*, Napoli, 1914, 157-285 (esp. 185, 198-201) alude ao esplendor das festas em Bruxelas, esplendor que, pago por Margarida de Aústria e discutido por Octavio Farnese, contrasta com as quase austeras de Lisboa, que, por outro lado, terão dado ocasião a grandes mostras de liberalidade em cortesia por parte de D. Sebastião. Quanto às festas de Parma, quer às de celebração do casamento quer da entrada dos príncipes na cidade só restam, segundo parece, referências dispersas; também em L. van der ESSEN, Alexandre Farnèse, ed. cit., 127-128, 131-137, 144-145 se encontram notas precisas sobre o assunto.

7 D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, III, Lisboa, 1752 (aliás, Coimbra, 1966), 416 afirma que a princesa se revelou "Astrea prudente para distribuir premios, o castigos quando substituiu o governo do Duque seu sogro, e do Príncipe seu marido". É bem possível que assim tenha sido, mas nem o seu primeiro biógrafo, Sebastião de Morais, na obra citada na nota seguinte, nem van der Essen referem tal encargo. Será confusão com Margarida de Aústria?

8 Sebastião de MORAIS, *Vita et Morte della Serenissima Prencipessa di Parma et Piacenza*, In Bologna, per Alessandro Benaci, 1578, 14r (Citarremos sempre por *Vita et Morte...*): "Houvea ancora gran pratica della sacra scrittura, la quale studiava diligentemente, massime prima che si maritasse". Destaquemos para o que puder valer que Alessandro Benaci tinha já sido o editor de uma *Narratione particolare delle gran feste e trionfi in Portogallo et in Piandra nello sposalitto dell'illustrissimo eccelellissimo signore, il sig. Alessandro Farnese, principe di Parma e Piacenza, e la sereniss. doma Maria di Portogallo*, Bologna, 1566 da autoria de Francesco Marchi.

9 Sebastião de MORAIS, S. J., *Vita et Morte...*, ed. cit., 14r; Balduinus DISTELBRINK, *Bonaventurae Scripta Authentica Dubia vel Spuria critica recensita*, Roma, 1975, 201-202 sobre a atribuição da *Theologia Mystica ao Doctor Seraphicus*. O confessor e biógrafo da princesa informa ainda que dentre os livros de espiritualidade apreciava "particularmente quelli che movono gli affetti; ella gustava assai nel leggere gli opuscoli di San Bonaventura" (*Vita et Morte...*, 14r) sem, contudo, precisar quais... Ou será que com este plural pretendia indicar a *Mistica Theologia*?

à sua morte, por um jesuíta, Sebastião de Morais\textsuperscript{12}, no contexto das correntes espirituais que atravessavam o seu Portugal... Como se terá plasmado tudo isto nesse "livrinho de Meditações para suas damas" que consta ter escrito?\textsuperscript{13} E o termos dito do "seu Portugal" deve-se a que, ao parecer, tão pouco aberta se terá mostrado às correntes que cruzavam a Itália que a acolhia – confessava nunca ter lido mais que vinte ou trinta versos de Petrarca e de Ariosto...\textsuperscript{14} – como intransigente se mostrara a qualquer aceno de homenagem a Isabel I de Inglaterra...\textsuperscript{15} É uma investigação urgente a empreender, pois a exemplaridade da sua vida foi imediatamente assinalada depois da sua morte (7. V. 1577) no prólogo-dedicatória da \textit{Vita et Morte}

\textsuperscript{11} Sebastião de MORAIS, \textit{Vita et Morte...}, ed. cit., 6r.
\textsuperscript{12} Sebastião de Morais, S. J., (1530 - 1588), o citado autor da primeira e mais importante biografia da "princesa santa", escreveu algumas cartas relatando a viagem de Maria de Portugal desde Bruxelas até à sua entrada em Parma, das quais se conserva a \textit{Copia de unica do Padre Sebastião de Morais de Parma para hum Padre de San Roque a 12 de Agosto de 1566 in Memorial de Várias Cartas e Cousas de Edificação dos da Companhia de Jesus} (ms. da Biblioteca M. do Porto publicado por José Pinto, com um Prefácio de Joaquim Costa), Porto, 1942, 60-69; a referida carta é um documento interessantíssimo não só pelo que relata, mas também pelo que deixa transparecer das reacções de um português entre hereges germânicos e italianos cortesãos que, segundo o P. Morais, ultrapassavam, estes, tudo o que Fr. António de Guevara tinha avisado e proposto... Sobre o futuro bispo de Funay (Japão), além do que traz D. António Caetano de SOUSA, \textit{Agiologio Lusitano...}, ed. cit., IV, 81-84, poderão ver-se alguns dados precisos em Francisco RODRIGUES, S. J., \textit{História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal}, L. I, Porto, 1931, 472, 588, II I, Porto, 1938, 327-328.
\textsuperscript{13} D. António Caetano de SOUSA, \textit{Agiologio Lusitano...}, ed. cit., IV, 107 refere essa obra que diz ter sido escrita em italiano e, ainda, "impresso muitas vezes em Italia, e depois em França, e traduzido na propria lingua"... Sob a sua autoridade a regista Barbosa Machado, quem, como nós, não parece ter conseguido ver qualquer exemplar. Será esse "livrinho de Meditações" aquela "opera spirituale" que a princesa mandou imprimir "per mandarla in Portugalallo ad alcune persone dive"? (S. de MORAIS, \textit{Vita et Morte...}, ed. cit., 18v). Terá algo a ver com a "bella e breve opera del modo di dire il Rosario" que, segundo o seu biógrafo na mesma passagem, Maria mandou igualmente imprimir?
\textsuperscript{14} Sebastião de MORAIS, \textit{Vita et Morte...}, ed. cit., 21r: "Non leggeva mai libri, che trattassero d'amore et a lei stessa ho sentito dire, che mai haveva letto ne Petrarca, ne Furioso, se non una ó due volte venti;ò trenta versi...". Terá algum interesse anotar como o continuador do \textit{Agiologio Lusitano}, D. António Caetano de Sousa, referindo-se a estas leituras, colere, certamente \textit{more hagiographic}, os factos: "da Poesia se abstinha por morficação, por não ler Obras amatiorias; como lhe sucedeu com as obras do grande Francisco Petraracha, abrindo-as duas vezes, a poucas regras de leitura, como castigando-se fechou o livro" (\textit{Agiologio Lusitano dos Santos e Varões Ilustres em Virtude...}, IV, Lisboa, 1744, 85 (Oitavo de Julho); e, curiosamente, L. van der Essen também escreve: "Elle ne lisait jamais les poètes, pour ne pas être surprise par des passages où il était question d'amour défendu. Ayant un jour ouvert Pétrarque elle le ferma précipitamment après quelques lignes de lecture" (\textit{Alexandre Farnèse}, ed. cit., 107). Anote-se, por contraste, que a filha de Maria e de Alexandre, Margarida Farnese, foi uma atenta leitora de Ariosto... (Guerriera GUERRIERI, \textit{Il Mecenatismo dei Farnese in Archivio Storico per le Province Parmensi}, Terza Serie, VII-VIII (1942-1943, Parma 1946), 127-167 (147-148).
della Serenissima Prencipessa di Parma e Piacenza que mais não é que o "memorial" secreto da sua regra de vida – frequentemente editado com o título de "avisos" – que, encontrado, depois de sua morte, entre os seus papéis e lido "non senza maraviglia" pelo seu confessor e director foi por este imediatamente divulgado numa Lettera...ad una principale Signora sopra la vita e morte di Sua Alteza em 15.VII.1577, quer dizer, uma semana depois da sua morte, acompanhado de vivas recordações suas que o explicitam e abundantemente anotado marginalmente para assinalar quer os diferentes pontos da prática dessa regra de vida espiritual quer o seu testemunho privilegiado de um itinerário interior que culmina na evocação do "último transito di sua Altezza". Sublinhando, para além da sua prática da confissão e comunhão mensal – e, em certas circunstâncias, quinzenal –, o seu "zello della fede catolica" traduzido no empenho de converter luteranos e calvinistas e, consequentemente, a sua veneração das imagens, das relíquias e dos hábitos religiosos – percebamos a explícita perspetiva contra-reformista –, esta biografia – que, em larga medida, é também uma como que "autobiografia" de propósitos e orientações espirituais – conheceu uma certa divulgação em italiano e em espanhol, nunca terá sido muito

16 Sebastião de Morais, era desde 1564 – contaria então 30 anos – o confessor de Maria de Portugal e nesta qualidade a acompanhou até ao fim da vida. A princesa de Parma recorda-o largamente no seu testamento feito em italiano e em português (este duplicado, escrito por Leonel Coelho e por ela assinado, destinava-se a ser enviado para Portugal para acuautelar direitos seus e de seus filhos) em 18.12.1575, mas, em virtude de alguns acontecimentos posteriores – morte de D. Isabel de Bragança, sua mãe, e do Senhor D. Duarte, seu irmão, por exemplo –, com oceílihos posteriores de 26.2.1577 e de 31.6.1577. Ai pede que se lhe lembrem "particularmente ao Padre Sebastiano Morales mio confessore, perché gli son in grand'obbligo, e prie o Altezza loro lo vogliono consolare e adgiutare, perché sarà grande ma consolazione, et perché con lui ho comunicato li miei obblighi, et quello che appartiene, alla mia consciencia, voglio che tutto quello che lui dirà et ricordarà al Principe mio s.r.e et al sig.r Duca, all'Infante mia s.r.a o al sig.r Don Duarte, s'adimpisca...". (del Prato, Il Testamento di Maria di Portugallo, Moglie di Alessandro Farnese in Archivio Storico per le Provincie Parmensi, Nuova Serie, VII (1907), 182. Como bom teatino, D. António Caetano de Sousa (Agiologio Lustitano... IV, ed. cit, 91-92 e 101) dá algumas pistas muitos interessantes sobre a direcção espiritual que a princesa de Parma terá recebido (pontualmente, sem dúvida) do teatino napolitano André Aveino. Claro que só por distração van der Essen (Alexandre Farnèse... ed. cit., 106) pode escrever que a princesa teve "come confesseur S. Ignace de Loyola"...[1556].

17 Sebastião de MORAIS, Vita et Morte..., 8v (Modo di confessarsi)..., 9r (zello della fede catolica)..., 9v (Fuggire la converstione de gli heretici)..., 9v-10r (Riferenza alle imagini de santi)..., 10r (Reliquie santi)..., 11r (Habito religioso)... 18 Sebastião de MORAIS, Vita et Morte..., ed. cit., 12r: "Per questo ad alcuni pareva, et meritamente, che Dio l'avesse condotta in Italia per la Flandra, et per la germania, acciò che mostrasse così fatto essempio di virtù, et in tempo, che ne'ra tanto bisogno in quel bande".

divulgada em Portugal. Fr. Gregório Taveira, da Ordem de Cristo, na sua *Fugida do Mundo para Deus* pela Escala da Penitencia (Lisboa, 1619) terá sido um dos primeiros, senão mesmo o primeiro, a transcrever, ainda que com algumas adaptações, os *Avisos e documentos que guardava aquella esclarecida Senhora em virtude e sangue, Dona Maria, Princesa de Parma e neta del Rey D. Manoel que Deos haja, os quaes podem servir de exemplo a todo o christão e principalmente as senhoras illustres que tem casa e estado*, tradução dessa regra de vida espiritual em que os últimos dizeres são como que um resumo das popostas finais do prólogo-dedicatória da primeira edição bolonhesa da *Vita et Morte*... Depois seguir-se Fr. Luís dos Anjos, E.S.A., quem no seu *Jardim de Portugal*, em que se dá notícia de algumas sanctas e outras mulheres illustres em virtude (Coimbra, 1626), numa sequência derivada da obra de Sebastião de Morais, publica, em tradução sem retoques, o texto dos "Avisos"... Será, no entanto, o continuador de Jorge Cardoso, o teatino D. António Caetano de Sousa quem, tanto quanto conhecemos, mais largamente se aproveitará do trabalho de Sebastião de Morais, já que no quarto tomo do *Agiológius Lusitano* oferece uma quase íntegra tradução da *Vita et Morte* da princesa de Parma.


21 As adaptações, mediante a supressão de alguma passagem ou expressão marcadamente autobiográfica, como, por exemplo, os versos de S. Bernardo que a princesa diz ter traduzido e com que ilustra o seu propósito de sempre desprezar o mundo, destinam-se, segundo cremos, a universalizar a lição dos seus "Avisos". Da *Fugida do Mundo para Deos pela Escada da Penitencia* pela qual sobio David penitente e a deixou facilitada aos peccadores em sete degraus, significados nos sete Psalmos penitenciais, repartidos pelos sete dias da semana, em *ordem de exercicio...*, utilizamos a edição de Coimbra, Joseph Antunes da Silva, 1709.


23 Effectivamente, D. António Caetano de Sousa nessas catorze páginas com que celebra as virtudes da princesa de Parma pouco mais faz que traduzir, sequencialmente quase sempre, o texto de Sebastião de Morais, ainda que não publique os "Avisos". Mas a sua não menos ampla nota ao seu texto, para além de uma digressão contra D. Luís de Salazar por causa dos direitos de D. Catarina
Encontrado e adquirido o seu original, ainda com seus lacres e sinete heráldico, num antiquário e alfarrabista da cidade em que viveu onze anos, a carta da princesa que publicamos não trata de assuntos de espiritualidade, nem sequer de qualquer caso transcendente de governo. Nessas poucas linhas, com um estilo de "cortesia" e "sinal" muito português, a firmo-nos no que da polícia e estilo das cartas missivas traz Rodrigues Lobo, dá, muito simples e naturalmente, notícias suas e de seus filhos ao marido durante uma das suas muitas e largas ausências. Maria espera que o príncipe as receba em Pesaro onde, segundo lhe diziam, Alexandre se demoraria... Uma carta familiar, para não dizer doméstica, mas que é, como qualquer outro, um documento seu e das suas preocupações de momento.

Escrita em Parma, e em português — língua que a Alexandre Farnese, como educado em Madrid, seria relativamente familiar — de a mão da própria princesa, a missiva, infelizmente, não está datada de ano, somente indicando o dia e o mês: 5 de Outubro... É possível pensar que foi escrita depois de 1569, pois nela a princesa se refere aos seus filhos, um plural indicativo de que, pelo menos, Margarida (7.11.1567) e Ranuccio (28.3.1569) eram já nascidos... Depois de 1573, se esse plural incluísse Odoardo, nascido em 7 de Dezembro desse ano. Pesaro, um porto nas de Bragança, irmã da biografada, ao trono de Portugal, contém a mais ampla lista de referências de todo gênero — infelizmente, repetitivas quase sempre —, à princesa de Parma, D. Maria.


25 L. van der ESSEN, Alexandre Farnèse, ed. cit., 177 que assinala algumas dessas demoras, permite na página citada demonstrar o tempo — o real e o interior — passado à volta de Lepanto através da admiração que, no regresso a Parma, sentiu o príncipe por não ter, à primeira vista, reconhecido os seus filhos Margarida e Ranuccio.

26 Na carta que publicamos há uma referência a uma S.ra Ersilia que na mesma altura se encontrava doente. O facto da princesa de Parma informar o príncipe seu marido da doença dessa senhora e, mesmo que lhe não queiramos atribuir grande peso ao argumento em virtude do gênero familiar da carta, vir o seu nome escrito antes do da pequenina princesa Margarida dir-se-iam indiciar uma alta ou, pelo menos, uma personagem muito estimada na corte dos principes. Cremos poder identificar-se com aquela S.ra Ersilia que é a primeira pessoa particular de quem se lembra Maria de Portugal no seu testamento: "Alla s.ra Ersilia mia sorella lascio il spechio che m'ha datto il sig.r Ducca, et desiderai che potesse lei veder in esso l'amore che sempre glio portato, et priego il Principe mio s.re si ricordi di questo, per fargli molti favori d'avantaggio..." (A. del PRATO, Il Testamento di Maria di Portogallo, Moglie di Alessandro Farnese in Archivio Storico per le
Marcas Adriáticas, poderia sugerir as andanças empenhadas em 1572-1574 desse impetuoso e destemido Alexandre Farnese, então em ânsias por novas ocasiões de glória como as que vivera ao lado de seu tio, D. Juan de Áustria, em Lepanto. Mas desde esses anos se intensificam também as viagens do príncipe de Parma aos Abruzos onde em L'Aquila vivia, desde que em 1567 deixara a Flandres que governara em nome de Filipe II, a sua mãe, a duquesa Margarida de Áustria, a quem visitava algumas vezes, embora não tantas quantas as em que lhe escrevia, informando-a, antes de o fazer a qualquer outra pessoa, de necessidades e projectos. Quem sabe se, apesar de desvios e distâncias, não passou por ali a caminho de L'Aquila? É certamente possível que uma pesquisa mais demorada pudesse esclarecer essa demora em Pesaro e, assim, permitir datar a carta que a princesa para lá enviou... Entretanto, dada a explícita referência às febres de Margarida, poderíamos aventurar que, a seu modo, essa carta poderia ser dos dias em que, doente, a pequena princesa correu iminente perigo de vida. Se nesse dia de Outubro aos físicos parece a doença "não seria causa de importância", pois as febres estavam a desaparecer, nada impede sugerir que tais expressões possam testemunhar os momentos ou, mais provavelmente, o final de um momento que foi de angústia para a princesa Maria... Nessa ocasião de grave doença de Margarida, segundo o seu confessor e biógrafo, revelou-se, uma vez mais, a força da oração da princesa que "uscì dell'oratorio con tanta certezza d'ottenere la dimandata grazia che affirmava che la sua figliuola viverebbe". Se pudesse vir a aceitar-se que se reportava a esses dias em que a princesa de Parma revelou "qualche perturbazione" - um eufemismo hagiográfico e uma nota de decoro principesco - que o seu confessor destacou, seria possível arriscar que a carta poderia datar de 1576, já que a grave doença da que, repudiada por Vicenzo Gonzaga, acabou a sua vida no convento de Santo Alexandre, em Parma, teve lugar, ainda de acordo com Sebastião de Morais, "l'estate passata", isto é, no verão do ano anterior ao da morte de Maria de Avis, enferma desde Janeiro de 1577. Nos começos desse seu derradeiro Outubro, a princesa podia já enviar cartas e

Provincie Parmensi, Nova Serie, VII (1907) 180). Naturalmente, esta S.ra Ersilia não é a Ersilia que, juntamente com Vittoria e Soffonisba, a princesa lembra igualmente no seu testamento, recomendando que, por sua morte, lhe deem um vestido e, tal como às outras, lhe paguem o dote quando casar (A. del PRATO, Il Testamento di Maria di Portogallo, Moglie di Alessandro Farnese in Archivio Storico per le Provincie Parmensi, Nova Serie, VII (1907), 184). A. del Prato identifica esta última Ersilia com Ersilia Pallavicino, filha de Alessandro Pallavicini de Varano, dama de companhia, a quem efectivamente foram pagos 1500 escudos de dote em 152.1588.

28 L. van der ESSEN, Alexandre Farnèse, ed. cit., 170 et passim.
29 Sebastião de MORAIM, Vita et Morte..., ed. cit., 15v.
30 Sebastião de MORAIM, Vita et Morte..., ed. cit., 15v-16r.
mensageiros com novas não alarmantes ou, como parece mais aceitável, de algumas significativas melhoras... A carta ganharia, assim, um valor bem mais preciso e precioso... Tudo isto, porém, não chega sequer para formar uma hipótese... Todas, mesmo as aparentemente frágeis, podem, porém, começar por uma sugestão como esta...

José Adriano de Freitas Carvalho

Ao Illmo e Ex.mo senhor, o senhor duque de Parma e Piaseça meu senhor

+ Senhor

Não fiz isto mais cedo por não ocupar o tempo a vosa excelencia pelo caminho, mas agora que me dizem que se deterá em Pesaro alguns dias não quis que passassem sem beijar as mãos a vosa excelencia como faço e pidir-lhe que me mande avisar de sua saude e meus filhos até louvores a Nosso Senhor, mas a senhora Ersília e a Margarita dão alguma cousa mais trabalho às suas quartas, porque são as febres mores, mas com tudo julga mestre Scipion que não será cousa de importância porque se alimpão anbas da febre e todos juntos beijão as mãos a vosa excelencia e creia que elles e eu sintimos muito a sua ausecia e porque del Joico entendera vosa excelencia tudo o que qua pasa a elle me remeto. Nosso Senhor a vida e estado de vosa excelencia goarde e acrecente como desejo. De Parma a 5 de outubro.

Beijo as mãos a vosa excelencia. Maria.

---

31 O texto tem "ms" que desenvolvemos em mestre.
32 O texto tem "No s.or senhor" que pensamos será distracção.